

PODGORNY, Irina (seleção e prólogo)
Charlatanes – Crônicas de remédios incurables
Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2012

ANTONIO AUGUSTO PASSOS VIDEIRA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro | UERJ

360

Como praticamente todos os livros e artigos de Irina Podgorny, antropóloga argentina, pesquisadora do Conicet no Museu de La Plata, que já trabalhou no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST, Rio de Janeiro) como pesquisadora no início deste século e é aqui mais conhecida pelos seus trabalhos publicados em parceria com Maria Margaret Lopes, o livro *Charlatanes – Crônicas de remédios incurables*, que agora apresento à comunidade brasileira de história da ciência, é inovador, instigante e original.

Desde já aviso que não tentarei resumir ou mesmo comentar as ideias presentes em textos de Feijóo y Montenegro, Sarmineto, Vrichow, Bennati ou ainda Cordovez. Se, por um lado, reconheço que tal tarefa está acima de minhas possibilidades, por outra, não sei ela faz sentido. Como toda boa antologia, também esta escapa à síntese, quase sempre simplificadora e, conseqüentemente, empobrecedora. Além do mais, eles eram todos escritores competentes e com nítidas capacidades de usar a literatura em favor de suas ideias e seus “produtos”. A leitura deste livro não é maçante.

Em prosseguimento a pesquisas em que questiona concepções, antigas e contemporâneas, acerca daquilo que é original ou falso em algumas ciências, como no caso da arqueologia, Podgorny lança-se agora em busca de elementos que lhe permitam refletir sobre aquilo (por exemplo, relatos de viagem) que pode passar de falso (ou exagerado) a verdade, quando trasladado de seu lugar de origem para outros centros, mesmo que mais avançados e desenvolvidos. O inverso é igualmente possível, preciso reconhecer.

O período compreendido por esta antologia é longo, indo do século XVI ao início do século passado. Parte considerável do material reunido por Podgorny foi coletado ou publicado em países sul-americanos. Os autores procedem de diferentes países. Não há nenhum texto que faça referência ao Brasil. Tal ausência, obviamente, não compromete a qualidade do livro. Menciono-a apenas para ser preciso quanto à natureza da obra ora em tela.

Trata-se fundamentalmente de uma coletânea de escritos da lavra daqueles homens (em sua maioria) e mulheres, usualmente chamados charlatães, i.e. pessoas que vendiam elixires e poções como remédios com eficácia supostamente

comprovada pelos mais rigorosos procedimentos científicos – para mencionarmos alguns dos produtos mais conhecidos desses “falsos” médicos – por diferentes cidades e regiões. Mas nem todos os nossos autores são charlatães. Alguns receberam educação formal, mas, deslocados de seus “contextos” habituais, escreveram e defenderam ideias que dificilmente os diferenciariam dos “verdadeiros” charlatães.

Além desses textos, 34 ao todo, há um prólogo relativamente breve, que contém algumas reflexões e considerações da organizadora a respeito de algumas características específicas dos textos por ela escolhidos: ‘poderiam ele ser considerados como científicos?’, ‘a que gênero de literatura eles pertencem?’, ‘que relevância tem eles como testemunho de certo tipo de prática muito comum em outros tempos?’, entre outras. De certo modo, este prólogo ajuda o leitor a melhor entender e classificar esse tipo de literatura, na medida em que permite o abandono de eventuais preconceitos; isto no caso do livro cair em mãos desavisadas.

Para o historiador da ciência, ou mesmo para o filósofo da ciência, este livro é instigante porque nos obriga a perguntarmos em que medida esses homens, que não podem ser considerados cientistas e que, muitas vezes, não almejavam essa qualificação para si, contribuíram para a disseminação de conhecimentos, valores e práticas relativos à ciência, agora, sim, aquela tida como “oficial”. Em outros termos, os quais, aliás, são meus, Irina Podgorny nos leva a pensar que, no caso do nosso sub-continente, não é improvável pensar que esses charlatães tenham contribuído para a concretização – para a efetiva realização – da circulação do saber. Ou ainda: sem a inserção de suas presenças em nossas histórias, nós provavelmente não conseguiremos entender as nossas próprias redes de circulação de saber, ao menos em toda a sua complexidade e originalidade.

Entre os muitos pontos interessantes que preenchem as páginas de abertura do livro, há uma menção de Podgorny a Gabriel Garcia Márquez, apresentado como autor de uma classificação das tarefas exercidas pelos charlatães, e que tem o objetivo de não nos fazer esquecer que os charlatães poderiam ser, mas não são, personagens de seus livros. Ou seja, segundo a nossa autora ainda, *et malgré tout*, somos capazes de traçar distinções entre a realidade e a ficção. Será mesmo? Se sim, por que, então, ela recorreu logo ao mestre do realismo fantástico para exibir, parágrafos depois, uma posição que apresenta como anti-relativista? Será esta afirmação coerente com os textos com que nos brinda generosamente Podgorny? Confesso que tenho minhas dúvidas. Socorro-me em Garcia Márquez, quem, nas páginas finais de seu clássico, escreve: “En este punto, impaciente por conocer su próprio origen, Aureliano dio un salto. Entonces empezó el viento, túbio, incipiente, lleno de voces del pasado, de murmullos de geranios antiguos, de suspiros de desenganos anteriores a las nostalgias más tenaces.” Seriam os escritos e manuscritos, mesmo que encontrados em arquivos e bibliotecas, capazes de nos impedir de dar esses saltos? Não seria nossa tarefa – de todos aqueles interessados em conhecer o passado – dar saltos, tentando sempre evitar quebrar o pescoço?

Concluo. Não importa agora as respostas possíveis às questões acima. Importa-me insistir que o mérito – e não pequeno – de Podgorny é nos permitir recuperá-las de uma forma própria porque nossa, adequada à nossa realidade tipicamente latino-americana.